

já esplende a luminosidade do futuro, sobre o fundo imenso da evolução trifásica do vosso universo.

LXXVI — Cálculo de responsabilidade.

O homem é responsável. Não basta, porém, dizê-lo. E' preciso demonstra-lo. E' preciso ajustar a lei de equilíbrio imperante no campo moral, coactiva nas suas reacções, á lei de equilíbrio presente sempre em todos os fenómenos. Não basta pôr os princípios da ética dentro de um sistema abstrato e isolado; é preciso sabe-los conectar com a ordem de todos os fenómenos de cada tipo, dentro de um funcionamento organico universal, *unico*. E' preciso saber investigar na eternidade o inexorável ressurgimento dos efeitos das acções humanas. Sem uma compreensão de toda a fenomenologia universal, sem a visão unitária de uma síntese global, é absurdo pretender-se a solução de qualquer problema isolado. Para se poder pôr o problema da responsabilidade, necessário é haver primeiro penetrado o princípio da evolução, que no campo humano significa evolução espiritual. Filosofias e religiões o têm afirmado, uma multidão de místicos o têm sentido e vivido; mas, como demonstração racional, se a esse princípio tirarmos as bases que o sustentam e elevam acima de toda evolução física, dinâmica e biológica, ele se conservará incompreensível e discutível. E' necessário haver antes compreendido o nexo que existe entre todos os fenómenos, haver firmado a indestrutibilidade da substância, sem embargo do continuo transformismo universal, haver demonstrado a genese biológica do psiquismo, a sua eternidade, a técnica do seu crescimento, a méta superbiológica da vida, o princípio de causalidade e a lei férrea das suas reacções, a logica do destino e das suas vicissitudes, a significação das provas e da dor.

E' necessário haver compreendido o valor espiritual da vida, em íntima relação com a vossa moderna visão científica do mundo, em união perfeita com a realidade fenomenica, sem espaços intermedios de ignoto e de incompreensão. Era logico que o espirito, antes de arremessar-se para as regiões superiores do futuro, se voltasse para trás, afim de descobrir suas origens no passado, e fizesse justiça ao trabalho executado para a sua preparação, desde as menores criaturas irmãs. Somente agora, quando a nossa viagem através dos mundos inferiores da materia e da energia se acha concluída, compreensível se torna este derradeiro mundo, o das ascensões espirituais do homem.

Os fenómenos da ascensão moral, em todos os níveis, culminando no misticismo do santo (superhomem antecipado aos mais altos graus de evolução), se podem reduzir, em termos científicos, de acôrdo com tudo quanto dissemos na teoria dos motos vorticosos,

áquele fenómeno de assimilação cinética, que vimos na base da formação e do desenvolvimento do psiquismo. Para quem haja compreendido a técnica da evolução psíquica, o fenómeno da ascensão espiritual simples e logicamente se apresenta como continuação da evolução das formas inferiores. Esse fenómeno significa, em termos científicos, introduzir, nas trajetórias íntimas dos motos vorticosos, que constituem o psiquismo humano na fase *α*, impulsos novos, provindos do exterior (o mundo da vida e das provas), para que se fusionem no âmbito daquelas forças e modifiquem aquelas trajetórias. Trata-se de enxertar no metabolismo do espirito, sempre escancarado para o exterior (ambiente), os elementos da química sutil do psiquismo. Praticamente os conheceis e lhes chamais pensamentos e obras do bem ou de mal. Presentemente, o cálculo desta química imponderável vos escapa; mas, um dia, penetrareis a constituição vorticosa do psiquismo, pesareis os seus impulsos sutis e, posto em termos exatos o conhecimento desses impulsos, internos e externos, compreendereis ser possível o cálculo das forças constitutivas e modificadoras do edificio cinetico da personalidade humana; ser possível, definido o seu tipo específico de individuação e a sua passada historia, que a sua conformação actual continúa e resume na sua forma, estabelecer a direcção da evolução iniciada e determinar a natureza e o valor das forças a serem imitadas, para que aquela evolução avance proficuamente e se desenvolvam as notas fundamentais daquela personalidade. Embora hoje estes fenómenos se produzam por tentativas, tudo isto significa: tomar a direcção dos fenómenos biológicos no campo mais decisivo, o da formação da personalidade.

Dado que é preciso evolver e que esta formação de consciencia é irresistivelmente trabalho da vida individual e colectiva, que enorme poupança de energias significará o *sabe-lo realizar*. Se, biologicamente, a humanidade tende, como vimos, a criar um tipo de superhomem, o vosso labor presente é o de *saber* tornar-vos tais. A vida contém e pode produzir valores eternos; seu escopo é, cada vez mais, enriquecer-se deles. Ela tem uma méta e vós, depois de haverdes aprendido a produzir e entesourar nas formas caducas da terra, tendes que aprender agora a produzir e entesourar na substância, na eternidade. E' necessário *educar os outros*, como a si mesmo. *Toda vida é missão*. Para educar é necessário *repetir*, afim de que certos conceitos mais altos sejam assimilados e gravados no turbilhão íntimo do psiquismo. Este o escopo da vida, esta a função mais elevada, pela qual se mede o valor da função central dinámico-psíquica do organismo social, que é o Estado moderno.

E' duro, para o espirito que arde em fé e sente por intuição estas verdades, ter que falar assim, em termos de uma exata moral científica. Isso, porém, me é imposto pelo vosso nível ainda não intuitivo, apenas racional. O cálculo da responsabilidade moral é

possível, quando se conheça o fenómeno da evolução psíquica. Se este é dado pelo cálculo dos impulsos íntimos, em correlação com os impulsos do ambiente, e pelo das resultantes das suas combinações, aquele outro é um cálculo de reações. Tudo isto não é senão um momento da análise mais ampla que acompanha a linha das reincarnações e o desenvolvimento lógico do destino. Falo de desenvolvimento lógico porque, reconstruído o passado, vereis que ele, pelo princípio universal de causalidade, pesa, como uma força, sobre o estado presente e futuro, fazendo da personalidade uma como massa lançada com trajetória própria que, por inércia, tende a manter-se constante, se bem a vontade e a liberdade individuais possam lutar por modificá-la.

Na evolução, que é desmaterialização da substância em direção às formas psíquicas, a personalidade *transforma o seu "peso específico"* e se coloca, por lei natural de *equilíbrio, numa dada altura*, que é o seu ambiente natural, ao qual sempre espontaneamente volta. Também este é um cálculo de forças, que deve ser levado em conta no das responsabilidades. Quantas coisas devera ter em conta o presumido *direito social de punir*, se, em vez de ser pura medida de defesa individual ou de classe, apenas quisesse ser princípio de justiça! Aliás, prémios e punições substanciais não são os que o homem distribue: simples exterioridades que não correspondem à substância; são os que, embora por intermédio do homem, a Lei, na sua sabedoria, impõe, acima das leis humanas, tendo por base equilíbrios aos quais, quer os compreendam, quer não, todos obedecem, julgadores e julgados, dirigentes e subordinados, por efeito de um comando ao qual ninguém pode fugir.

Juntos e mesclados vivem os homens; mas, as suas leis não se misturam. Aquilo que sobre um pesa mortalmente pode para outro ser incompreensível, porque nunca o experimentou. Todos próximos e irmãos; entretanto, cada um está só, diante do encadeamento das suas próprias obras, apenas com a sua responsabilidade e o seu destino, qual ele o quis. As sendas estão traçadas e a ação humana exterior não as vê, nem as muda: os valores substanciais não correspondem às posições e categorias sociais. Além da aparente justiça humana, ha toda uma diversa justiça divina, substancial, invisível e tremenda, a que não se pode fugir na eternidade, que não se apressa, mas pune inexoravelmente. No labirinto dos destinos e das metas de todos, ha uma linha individual independente. Cada um, qualquer que seja o ambiente, pode avançar ou retroceder no caminho que lhe é próprio. Toda vida encerra as provas necessárias e as melhores, mesmo que não grandes, nem patentes, sempre as mais proporcionadas e adequadas.

Vimos que, na evolução, o sêr, ascendendo da matéria ao espírito, também passa da lei peculiar á primeira, o determinismo, á lei que rege o segundo, a livre escolha. A ação é a resultante dos

impulsos e da capacidade individual de reagir; a responsabilidade é relativa ao grau de evolução, pois que *em função desta se acha a extensão maior ou menor da zona de determinismo ou de livre arbitrio*, dominantes na personalidade. Dados o mesmo ambiente e os mesmos agentes psíquicos exteriores, o individuo reagirá diversamente e, dado também o mesmo ato, diversíssimos são o seu valor e significado, segundo os varios tipos humanos, e diversíssima lhe é, por conseguinte, a responsabilidade, *responsabilidade relativa*, estritamente conexa ao nível evolutivo, isto é, ao conhecimento e á liberdade, na proporção dos quais nascem os deveres e se restringe o campo do que é lícito.

Falo de responsabilidade substancial, não dessa responsabilidade aparente que os homens se impõem uns aos outros, por motivo de defesa e de convivência. Falo de culpa, isto é, mal conciente, imissão de impulsos antievolutivos, que só provocam uma reação de dor. No campo humano, *mal é involução, bem — ascensão*, pois que a grande lei é evolução. *Culpa* é a violação dessa lei de progresso, é rebelião contra o impulso que encaminha para Deus, para a ordem, é todo ato de anarquia. *Dor* é o efeito da reação da Lei violada, a se fazer sentir na sua vontade de reconstrução da ordem que tende a tudo reconduzir para Deus, reação a que chamais *punição*. Quanto mais progredis, tanto mais largamente poderíeis cair, por efeito de maior liberdade, se o mais avançado estado de progresso não se achasse protegido por um conhecimento proporcionado.

LXXVII — Destino — O direito de punir.

Outro fator complica o cálculo das responsabilidades: o *determinismo das causas* introduzidas, ao longo do passado, pelas próprias ações, na trajetória do próprio destino; o dos impulsos intercalados, por escolha livre e responsável, no edificio cinetico do próprio psiquismo. Aquelas causas são forças postas em movimento pelo próprio eu e, uma vez atuantes, tornam-se *autônomas*, até que se achem exauridas. Os vossos atos, em seus efeitos, vos acompanham irresistivelmente, por lei de causalidade, e a impulsão deles resulta da potencialidade que lhes imprimistes, proporcionada e da mesma natureza, benéfica ou maléfica, do impulso que lhes destes. Assim, o bem ou o mal praticados com relação aos outros cada um os faz, sobretudo, a si mesmo; são retribuídos pelas reações da Lei e recaem sobre o autor, como chuva de alegrias ou de dores. O destino implica, pois, uma *responsabilidade composta*, que é a resultante do passado e do presente.

Todo ato é sempre livre em suas origens, não depois, porque, então, passa de subito *a pertencer ao determinismo da lei de causalidade*, que impõe as reações e as consequências. O destino, como